

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **CURIOSIDADES DE GUIMARÃES. X VISITAS RÉGIAS E APOSENTADORIAS FIDALGAS.**

BRAGA, Alberto Vieira

Ano: 1946 | Número: 56

---

### **Como citar este documento:**

BRAGA, Alberto Vieira, Curiosidades de Guimarães. X Visitas régias e aposentadorias fidalgas. *Revista de Guimarães*, 56 (3-4) Jul.-Dez. 1946, p. 181-226.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Curiosidades de Guimarães

---

X

## VISITAS RÉGIAS e APOSENTADORIAS FIDALGAS

Uma visita régia feita a qualquer vila ou cidade, representou sempre, em todos os tempos, e de um modo geral, um acontecimento de primeira plana, de brilhante giro planetário, de alta significação e distinção, de louco regozijo popular, de transcendente prestígio para a política encapotada e enxofrada dos concelhos, e de orgulho doirado para a gema fidalga e para a nobreza de linha, que urdiam e teciam, vulgarmente, todos os actos administrativos, militares e sociais dentro da esfera dos partidos e dos interesses da região visitada.

E de um modo particular, as visitas dos reis das primeiras dinastias, representaram e assinalaram acontecimentos históricos, pela soma diplomática que trouxeram ao conhecimento da Nação.

Muitas visitas até nós vieram, e se algumas directamente marcadas pela obrigatória convocação das côrtes, assembleias gerais da Nação, onde os embaixadores do povo podiam erguer a sua voz, outras pela necessidade e bom senso de excogitarem de perto as pressões solicitadas e alveitarem e sentirem os revoltos agitados das permanentes e rateirinhas contendas que se levantavam entre o clero, a nobreza e as classes populares.

O caso é que tôdas elas, mais ou menos, distinguiram e retribuiram certas funções públicas, dividiram e ordenaram sistemas económicos pela norma dos usos, e satisfazendo o povo sem desrespeitarem as benesses reais e o prestígio das autoridades hierárquicas, reprimiram e condenaram tendenciosos abusos pela modificação das fórmulas em curso e pela siste-

matizada regularização de leis, baseadas na doutrina e na regência dos mais antigos privilégios locais.

E ficavam então marcados os limites das terras, confirmadas as suas independências, descriminadas as jurisdições, restabelecidos os direitos tradicionais e privados, como que uma divisória geográfica e política de mais desfôgo para o govêrno de vida e mais largueza de colmeia para a expansibilidade do trabalho comercial, industrial e agrícola.

Além de tudo isto, alguma coisa ficava a perder depois das visitas régias, em utilidades materiais de arranjos, de remendagens e faldas e pés lavados, e algumas regalias proveitosas e de capital importância se alcançavam: Consertavam-se as estradas; melhoravam-se os pavimentos; pintavam-se as casas, as gelosias, os largos beirais abarrotados, as grades retorcidas das pequeninas varandas à Romeu e Julieta, e limpavam-se os tanques, os chafarizes e os pelourinhos, que eram, como os cruzeiros da fé, marcos dianteiros duma tradição histórica concelhia, afeiçoados a caprichosos ornamentos e requintes de beleza e elegância; vinham concessões, diplomas e honrarias, obtinham-se foros e privilégios, desciam provisões e doações, elaboravam-se os forais, etc., etc.

Depois, e públicamente, em actos de festa, exibiam-se os côches, as librés, os trens, as riquezas, os cavalos, os fidalgos, os hábitos e os penduricalhos. E nas mais variadas diversões e invenções, a mor parte delas de sabor e feitio amouriscados, que se promoviam nos terreiros de Santa Clara e Toural, em cavallhadas, touradas, encamisadas, alcanzias, canas, carreiras à cortesã, à brida e à gineta, torneios, danças, galhofas e bailes, apareciam os cavaleiros, os mantenedores e os mordomos, vestidos pavoneadamente de jubões, briaes, marlotas roxas e vermelhas, capelhares de velinho, tiritanas, coletes de veludo, acairelados de prata e ouro e calças passamanadas, todos êles rebrilhando encristados na destreza e espelhamento das suas lanças, adargas, espadas, toneletes, elmos, cotas, escumas e garrochões.

Havia iluminações, luminárias, bandeiras e colchas por tôdas as bandas, máquinas de fogo, repiques de sinos, funções de espaventoso culto na Colegiada,

e ouviam-se os arruamentos concertados da mais berregada música dos anafis, trombetas, atabales, pífanos, tambores e charamelas, como pelas quebradas, os amavios das avenas pastoris do aboiar serrano.

Os bandos e os editais anunciavam previamente as visitas régias (!).

O tanger da garrida, os toques do sino do relógio e os rufos dos tambores que acompanhavam os pregoeiros municipais, regulavam todos os movimentos civis e marcavam e distinguiam, por escala, o viço e o valor de todos os derretes festivos.

Em marés de esperada visita real, a nossa vila tomava por algum tempo um cariz de fingida civilização, matrona envergonhada pelo asseio forçado duma limpeza despiolhada e sujeita a comedidas regras de compostura, que eram cautelosamente impostas e de perto vigiadas pelos beleguins da lei e pelos quadrilheiros que desciam das paróquias suburbanas, onde o seu desempenho, nos limites do campanário, era de verdadeira ronda policial: darem conta dos furtos, das desordens, de tantas cabeças de pardejos bravos, pêgas e gralhas pela duração das sementeiras e dos renovos, e a par dos jurados das freguesias mirangarem as mulheres solteiras e suspeitosas que se desmandassem ou errassem, dando tento às barrigas e às pariduras, para que as crias não levassem sumiço.

É então o respiradoiro dos rossios e das ruelas

---

(!) Alguns destes bandos eram organizados aparatosamente: O acto rompia marchando na sua frente um «Parque de Tropas» do Regimento, acompanhado dos tambores e pífanos, tudo vestido com os mais ricos fardamentos.

Todos os Juizes dos officios acompanhavam o bando, em ordem regular, com suas bandeiras, vestidos de capa e volta, com bandas, meias e vestes de seda branca e com chapéus à romana e plumas brancas.

O pregoeiro, vestido de uniforme, ia montado em bom cavalo, decentemente ajaezado, com dois criados fardados à estribeira. As bandeiras da Câmara eram levadas pelos dous Mesteres, vestidos a rigor. Acompanhavam este acto todos os escrivães e tabeliães do Auditório Judicial e Notas, Alcaide e Contador do Juízo, vestidos de cerimónia.

A' retaguarda de todo este aparato seguia uma fôrça maior de tropa, comandada por um official de patente.

tornava-se mais desafogado, uma vez livre dos porcos, das galinhas, dos canhotos e dos despejos das águas caseiras e latrinárias, respeitável alvedrio dos muralhados habitantes, que usufruíam todos os direitos e regalos de portas para fora e tôdas as poucas vergonhas, teúdas e manteúdas de portas para dentro, desleixos, desrespeitos, desvios e atrasos morais e cívicos dum grande mostrador sem ponteiros...

Da sombra do aljube eram postos no ôlho da rua, em sueto temporário, as atravessadeiras e os traficantes dos gêneros e das medidas, e iam para lá, em preventivo saneamento e depuração social, os tinhosos, os aleijados, os pedintes e os vadios.

Para as hortas e cortinhas eram enxotados os cães vagabundos e os molossos fidalgos, já esburgados, que viviam do alheio.

Desapareciam, pois, da via pública, durante a permanência real, abundosa de séquito palaciano, de governantes do reino e de grandes carriagens, as bostelas do lixo, do vício, da malícia, da luxúria braregueira e das púrrias bandarreantes, turbulentas e ladravazes, cios maleitosos das épocas desaforadas e avergalhadas do cacete, dos embuçados, das emboscadas e da pouca moralidade, que não deixavam disciplinar os respeitos humanos e as fraquezas do corpo e da alma.

Mas se das visitas dos reis vamos dar notícia, e êles prègaram sempre pelo bem, fazendo a esta terra o mais que puderam, para que tirar do passado o que o presente já limpou, arejou e modificou?

Ficaram na crónica das localidades estas impressões dos factos, dos homens, dos costumes e da vida.

E na História ficaram assinalados a honra e os feitos dos seus Maiores e Melhores.

Daremos então, em correr ligeiro de cartel, uma parcela da nossa pequenina história, de fôro descritivo, embora, porque a maior já outros melhores, melhor a escreveram e gravaram.

Em tôdas as épocas, e inalteravelmente, o primeiro monumento a ser visitado, com todos os primores de respeito e de unção, era a Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, que se apresentava nestas melopeias solesnes, enriquecida e ornada com magnificência, e onde

se expunham, na capela-mor, ao lado do Evangelho, os régios hóspedes, debaixo de riquíssimos docéis de tela de ouro, para o costumado e cantado *Te Deum*, que constituía sempre como que o acto inicial de recepção aos Soberanos.

Vinham de longe os professores mais célebres de música de vozes e instrumental, mas agrupados e dirigidos pelos Mestres de Capela da Colegiada, que nunca abdicavam dos seus direitos de ordem e de regência, pelos méritos musicais que quasi todos possuíam, pelo seu prestígio de função dentro dum templo de vincada nobreza tradicional e pela letra fundamental dos regulamentos, que eram expressivos, determinantes e severos.

As esperas que se organizavam aos régios visitantes amagotavam e faziam preluzir as fôrças vivas, representativas e de trabalho, que formavam depois, em andamento, um cortejo de fanática e mística temporalidade, passo a passo, pelas ruas do casal, tôdas tapetadas de ervas e cheirosas flores. Com as destrinças habituais e protocolares, armavam-se a postura e o engatamento do desfile das gentes: do Corpo do Cabido, paramentado de capas de asperges; do Senado da Câmara, presidido pelo Juiz de Fora; Corregedor, Desembargador, Provedor, oficiais de justiça, todos vestidos de côrte; Cavaleiros de tôdas as Ordens Militares, adornados dos seus mantos e insígnias; Nobreza, Clero secular e regular; Corporações dos officios, com suas tochas e ricas bandeiras, conduzidas pelos seus Juizes; Confrarias, Irmandades, Câmara, com a bandeira da vila, pegada aos cordões pelos Almotacés; Escrivães dos Auditórios, Ordens Terceiras, Comunidades Regulares e Clerezia da Vila.

Havia bem ajustados e harmoniosos instrumentais, guardas de honra, evoluções militares, estandartes e bandeiras ao alto, povo a escanar, aos formigueiros, e alegria sem fim.

Um mundo novo, de céu aberto!

A História marcou fundamentalmente o acontecimento das primeiras visitas régias, de séculos, feitas a qualquer localidade, porque delas dimanavam, quasi sempre, documentos vários que iam formando, no

todo ou em parte, um fundo de política e de governo nacional, pelo que de passagem ou em ordem de serviço, a côrte resolvia ditar, instituir ou decretar, consoante as regalias pedidas ou os privilégios deliberadamente concedidos.

Formaram-se côrtes em diversas partes, e as visitas régias demoravam-se, mais dias, menos dias, em determinados pontos.

As visitas régias de jornada pessoal, de robustecimento governativo, de especulação ou influência partidárias, de um século atrás, marcam laurél de parada, e ficam somente na tradição das regiões que receberam as continências de suprema majestade.

Mas ainda assim, por estas se afere, o que não deixa de ser curioso, em inventário de recursos próprios, do prestígio e seqüência da nata fidalga ou encabeçada dum lugarejo, e do valor e préstimo das casas brasonadas, que figuravam como Paços meteóricos, onde os Reis consoladamente armavam doce ninho de ambicionada simpleza.

A aposentadoria dos primeiros Reis que recebemos e daqueles que aqui fizeram côrte, foi o riquíssimo e então faustoso *Paço dos Duques de Bragança*. Os palacetes de *Vila-Flor*, *Arco* e *Conde de Margaride*, foram depois as pousadas graciosas de muitos Soberanos e Nobres do Reino que nos visitaram.

— Em 13-11-1102, permaneceu em Guimarães o Conde D. Henrique, mas é bem de crer que em 1096 já por aqui habitasse, pois que antes dessa data ou no decorrer desse ano concedeu foral à povoação vimaranense. (*Rev. de Guimarães*, vol. XXIII, pág. 101).

— Em 27-2-1114 a Rainha D. Teresa, estando em Guimarães, deu foral à vila de Chãs de Tavares. (*Efemérides de J. L. de Faria*).

Em Guimarães se celebraram as Côrtes de 1250, de 1256, 1288, 1308 (segundo se lê a fôlhas 4 das *Memórias para a história das Cortes Geraes*, pelo Visconde de Santarém) e 1401 (1).

---

(1) O P.<sup>e</sup> António Ferreira Caldas, no vol. I *Guimarães*, a fôlhas 294 diz: Mais tarde El-rei D. Diniz convoca nesta vila novas côrtes em 1288. A existência destas consta duma carta ou ordenação geral de 19 de Maio da era de 1339 *sobre a Comissão de*

Durante a primeira dinastia, Guimarães foi muito freqüentada pelos nossos Reis.

***Sob o reinado de D. Afonso I :***

Em 24 de Junho de 1128; 26 de Fevereiro de 1135; 1 de Outubro de 1139; 3 de Dezembro de 1140; Julho de 1146; 21 de Julho de 1151 e 26 de Abril de 1173.

***Sob o reinado de D. Sancho I :***

Janeiro de 1187; 15 de Fevereiro de 1191; Abril de 1196; Junho de 1202; Agôsto de 1204. Em 1208 estava D. Sancho I em Guimarães e em outras terras de entre Douro e Minho. 27 de Maio de 1209.

***Sob o reinado de D. Afonso II :***

6 de Abril de 1212 <sup>(1)</sup>; Agôsto de 1217; Junho e Julho de 1218 <sup>(2)</sup>; Março, Abril, Junho e Agôsto de 1219 <sup>(3)</sup>; 29 de Fevereiro de 1220.

***Sob o reinado de D. Sancho II :***

Outubro de 1223; Dezembro de 1224; Janeiro de 1225; 1 de Agôsto de 1231; 25 de Novembro de 1238; 27 de Março, Abril e Maio de 1248; 8 de

*João Cesar*, em que se lêem de El-rei as seguintes palavras: *como quando Eu fiz mha corte em Guimarães como Eu per autorgamento do Arcebispo don ffrei telo e dos Bispos e dos Ricos homees bóos q y foram, etc.*

— Em Agôsto de 1308, El-Rei D. Diniz celebra côrtes em Guimarães, nas quais se limitaram de novo as comedorias dos fidalgos nas igrejas e mosteiros, de que eram padroeiros, excluídos os ilegítimos. Mandou-se devassar também das fidalguias e usurpadas em Entre-Douro-e-Minho. (Pereira Caldas).

<sup>(1)</sup> Nesta data esteve em Guimarães com a Rainha D. Urraca, sua Espôsa, e com os infantes D. Sancho e D. Leonor e ainda com D. Martinho Fernandes, mordomo da curia.

<sup>(2)</sup> Estava acompanhado de D. Urraca e dos infantes D. Sancho, D. Afonso, D. Fernando e D. Leonor.

<sup>(3)</sup> Segundo Alexandre Herculano, na primavera de 1219, D. Afonso 2.º residia em Guimarães com a sua real família.

Junho de 1250; 1252; Maio e Junho de 1253; 3 de Junho de 1254; Março, Abril, Maio, Junho e Julho de 1258; 12 de Março de 1261.

***Sob o reinado de D. Afonso III:***

Em Janeiro, Fevereiro e Março de 1261.

Em 11-8-1262, estando D. Afonso 3.º em Guimarães, deu novo foral à vila de Valença e em 12 de Julho do mesmo ano, passa em Guimarães um alvará a Pedro Nunes, prior de S. Torcato e ao seu Convento, concedendo-lhe a jurisdição no Couto. (*Efeméride de J. L. de Faria*).

***Sob o reinado de D. Diniz:***

Julho de 1288; 1 de Agosto de 1292; 18 de Julho de 1308.

***Sob o reinado de D. Afonso IV:***

Tendo falecido D. Diniz em 1325, sobe ao Trono seu filho D. Afonso IV. Por que êste mandou executar Inês de Castro, amante do filho D. Pedro, houve desvaios no Reino entre Pai e Filho. Foi em Guimarães que fizeram as pazes.

***Sob o reinado de D. Fernando:***

Junho e Julho de 1372.

***Sob o reinado de D. João I:***

7 de Agosto de 1385; 8 de Janeiro de 1387; Dezembro de 1400 e 23 de Janeiro de 1401, desta vez na companhia da família Real: a Rainha, sua mulher; D. Duarte, D. Pedro, D. Henrique, D. João, D. Isabel. E foi nessa ocasião que se sagrou a igreja da Colegiada e a sua capela-mor (1).

---

(1) Tôda esta rigorosa, extensa e bem documentada lista de visitas régias que publicamos, pertence ao parágrafo segundo

**D. Pedro, infante regente:**

Estando em Guimarães, em 16-8-1442, como governador do Reino, renova a carta de privilégios dada por D. João I, em 7 de Agosto de 1385, à Igreja de Santa Maria de Guimarães. (*Efeméride de J. L. de Faria*).

**Sob o reinado de D. Manuel I:**

Provisão de 28-6-1507, dada em Guimarães, para os tabeliães do Geral de Guimarães irem, por giro, às audiências quinzenais feitas nos Coutos de Vermil ou Ronfe. (*Efeméride de J. L. de Faria — Pergaminho n.º 68 da C. Municipal*).

**Visita do Infante D. Luís, quarto filho de El-Rei D. Manuel I**

«Em 14 de Maio de 1548 entrou em Guimarães o Infante D. Luís, 4.º filho de El-Rei D. Manuel, vindo de Santiago da Galiza. A vila o foi esperar ao Mira-

do primoroso artigo publicado por Alfredo Pimenta no vol. *Guimarães*.

— Em 14-8-1014 tendo-se levantado alguns *homens perversos e iníquos e de má consciência* a afirmar que as doações feitas ao mosteiro de Mumadona e as escrituras delas não eram verdadeiras, o abade Onorico e seus monges vão ter com El-Rei de Leão, D. Atonso V, à freguesia de S. Miguel das Caldas de Vizela, onde êle então estava, e por mandado dele, fazem sôbre o mesmo respeito um juramento, que vendo El-rei tão soleue, sem outra prova mais, lhes confirmou tôdas as doações do dito mosteiro. (*Efeméride de J. L. de Faria*).

— Em 20-6-1049 D. Fernando 6.º, o Magno, Rei de Leão, e a Rainha D. Sancha, sua mulher, estando em Guimarães, por carta sua confirmam ao mosteiro de Mumadona tôdas as escrituras e doações a êle pertencentes, e concedendo-lhe de novo que nenhuma justiça de El-Rei pudesse prender culpado algum dentro do térmo da jurisdição de Guimarães, o qual demarcou entre os rios Ave e Vizela e S. Torcato, isto porque queria assim por reverência daquele lugar santo, como por fazer mercê a D. Pedro (5.º do nome), abade dele e aos mais religiosos que nêle viviam, e que tôdas as culpas que naquele térmo se cometessem e o castigo delas, corressem por mãos do vigário ou ouvidor do dito mosteiro, pondo por pena às justiças que o contrário fizessem um talento de ouro. (*Efeméride de J. L. de Faria — Vimar. Mon. Hist*, doc. xxxv, fol. 36).

douro com uma dança mourisca de 300 meninos e João d'Evora, seu mestre, por rei. A S. Lásaro lhe saíu uma dança de môças bem parecidas e concertadas, que dançavam muito bem, de que êle gostou, e lhe cantavam:

*Meninas d'Alfama,  
Não vades ao chafariz,  
Bem sabeis as tretas  
Do Infante D. Luís.*

Esperado na Colegiada pelo D. Prior e Cabido debaixo do pátio. Hospedou-se na rua de Santa Maria, casa de António de Mesquita do «Corrego», que fôra de João de Figueiroa (*defronte do asilo de Santa Estefânia*). No dia seguinte corrida de touros e um matou um homem, e, em seguida, no mesmo dia foi ver o mosteiro da Costa, donde logo voltou para os Paços do Duque, onde houve lutadores, e à noute vendo a vila, que D. Teodósio, Duque de Bragança, dera em dote ao Infante D. Duarte, irmão de D. Luís, disse: *Se quem te deu te vira, não te dera* (!).

### Visita de D. Miguel I

Principiaram muito cedo os arranjos e preparativos para a chegada do Sr. D. Miguel.

— Em vereação de 17-10-1832 «acordaram que atendendo a necessidade do concerto em que tem

(!) Efeméride de João L. de Faria, que a rebuscou nos manuscritos de André Afonso Peixoto.

— D. Teodósio doou a sua irmã D. Isabel, em 21 de Agosto de 1536, para casar com o Infante D. Duarte, a «Vila de Guimarães com todas suas rendas e direitos e Senhorios jurdiçõens civil e crime, castelo e alcaidaria, e direitos dela asy e pela guisa e com as preeminencias privilegios que nela tem e lhe pertencem por suas doaçõens e melhor se o elle dito Senhor Infante melhor poder aver: e asy prometia e se obrigava dar maes em Dote e cazamento dous contos de reis de renda em cada hum anno entrando nele as ditas rendas de Guimaraens»... — (*Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, por D. António Caetano de Sousa, tomo II, pág. 602).

— Ver também *Guimarães*, pelo P.<sup>e</sup> Caldas, vol. I, pág. 2, e *Dicionário*, de Bluteau, vol. IV, pág. 157, na palavra «Guimarães».

existido e ainda existem as ruas e estradas desta vila e termo, e a que pode suceder vir El-Rei Nosso Senhor honrar esta vila com a sua presença, ordenam que dos fundos que se forem juntando do rial imposto da carne de vaca verde, se mande consertar as ruas principais por onde seja mais presumível a entrada do Mesmo Augusto Senhor.....

Que esta camara usa deste meio, apesar de não ser o legal, em atenção à urgência e brevidade com que se espera El-Rei Nosso Senhor, e não haver outros meios alguns de que se possa lançar mão, sendo esse o motivo porque se pediu a El-Rei a provisão de 23 de Junho do corrente ano, que concedeu o rial da carne de vaca" (1).

— Em vereação de 31-10-1832, o Presidente apresentou um officio do Corregedor da Comarca, e aberto continha que "constava a chegada de El-Rei Nosso Senhor à cidade de Braga, quinta-feira, 1.º de Novembro próximo, e que talvez viesse a esta vila, berço da 1.ª monarquia, afim de prevenir esta Camara para ser recebido com pompa e demonstrações de regosijo que lhe são devidas." Deram as mais terminantes ordens ao dito fim (2).

— Em sessão extraordinária de 9-11-1832, pelo Doutor Juíz de Fora, Presidente, foi dito que não tendo até agora honrado esta vila El-Rei Nosso Senhor, como se esperava, achava conveniente que desta Câmara se dirija uma deputação composta de dous membros a felicitar o Mesmo Augusto Senhor na sua Côrte e cidade de Braga onde se acha... Assentaram que fôsem o 2.º vereador José António Mendes da Silva e Bragança e o 3.º Rodrigo Lobo de Sousa Machado e Couros, em consequência do legítimo impedimento de saúde do 1.º vereador Manuel Joaquim Pereira Soares de Azevedo, oferecendo-se para ir pessoalmente quando melhorasse a sua saúde (3).

— Em sessão extraordinária de 18-12-1832, a vereação, sendo-lhe pedido pelo Corregedor da Comarca

---

(1) *Livro das Vereações de 1829 a 1834*, a fôlhas 159 v. — Arquivo Municipal de Guimarães.

(2) *Idem*, a fôlhas 161 v, *idem*.

(3) *Idem*, a fôlhas 164. *idem*.

que nomeasse um indivíduo conhecidamente abonado para aceitar o guardar a prata pedida a diversas pessoas para servir na aposentadoria de El-Rei quando chegue a esta vila, nomeou para o dito feito e fim, José Francisco de Araújo e Silva, dos Laranjais (1).

E nada mais nos dizem sobre o assunto os *Livros das Vereações*.

Se não fôsem os volumes manuscritos do cronista vimaranense Pereira Lopes, ficaríamos entre as dez e as onze, quer dizer, não chegaríamos a saber se El-Rei D. Miguel teria ou não vindo a Guimarães.

A certeza dada pessoalmente à deputação da Câmara que fôra cumprimentar, à cidade de Braga, no Paço arquiiepiscopal, Sua Majestade e as infantas D. Isabel Maria e D. Maria da Assunção e o Duque de Lafões, e a confirmação reiterada aos representantes do Cabido, cônegos prebendados Pedro de Moraes Correia de Sá e Castro, António José Dias Pinheiro, Manuel de Barros Pereira e Joaquim Vaz Vieira de Melo e Alvim, que igualmente foram àquela cidade felicitar a Régia côrte, de que o Sr. D. Miguel visitaria Guimarães logo que lhe fôsse possível, ainda e muito mais fêz redobrar os preparativos e entusiasmar os numerosos adeptos daquele Monarca, que os tinha por aqui às centenas, e dos bons, de quatro costados e de um só canêlo, dos de antes quebrar que torcer.

A certa altura, como viesse um officio de Braga dirigido ao Corregedor, para que mandasse consertar a estrada desde a Falperra até à vila, logo se persuadiu esta autoridade de que a visita do Sr. D. Miguel se aproximava, e então, desde logo ordenou se pusessem os arcos, embargando de passo todo o damasco das Irmandades, para servir de adôrno das janelas da casa da sua aposentadoria.

Mais ordenou o Sr. Corregedor que todos os moradores da vila varressem as testadas das suas casas e espanassem as janelas, que se tirasse a pedra e madeira do Padrão e Praça da Oliveira, pertencente à obra da igreja da Colegiada, e se tirassem todos os entulhos e canhotos que estivessem pelas ruas.

---

(1) Idem, a fôlhas 168, idem.

Oficiou aos Juizes Almotacés que mandassem compôr a estrada de Braga e algumas ruas da vila; oficiou às Irmandades da vila que mandassem fazer arcos à sua custa e que o Cabido mandasse limpar e armar a igreja da Colegiada, mandando também que se preparasse a Casa dos Coutos, à Misericórdia.

Tôdas estas obras tinham por fim harmonizar brilhante recepção ao Sr. D. Miguel e às Sr.<sup>as</sup> Infantas.

Assim nos vai esclarendo, de onde a onde, o cronista Pereira Lopes.

Entretanto vão-se dando os últimos retoques e abreviando os últimos trabalhos, para que resultassem imponentes as festas e manifestações de saudação ao Ilustre Monarca.

A *Casa dos Coutos*, a preferida para receber El-Rei D. Miguel, rápida e luxuosamente se aprontou, dentro do espirito garboso e cavalheiresco da época (1).

A Colegiada ficou um mimo de aparato, ladeada de tôdas as suas alfaias e vestes de preço.

As tôrres da vila, as cumieiras das muralhas, os pináculos do castelo embandeiraram, gritando ao espaço e ao vento a sua graça espanejante de festa e garridice.

O entusiasmo retoaçava nos corações e a todo o momento se esperava a boa nova anunciadora da chegada de El-Rei.

Entretanto o Monarca demorava a visita, não por sua culpa, mas porque os ares se iam apresentando nevoentos e turvos.

D. Miguel estabeleceu durante alguns meses a sua Côrte na cidade de Braga (2), e dali percorreu

---

(1) E' estranhável que dessem preferência à Casa dos Coutos para agasalhar êste Monarca, quando é certo que D. Miguel, íntimo da Casa do Arco, nela repousara quando Infante, e naqueles tempos em que por ali alimentou os seus primeiros e desenfadados amores.

Seria até por êste motivo, de que só nos fala a tradição?!... Quando passou então por ali? Quem seria a apaixonada dos seus amores juvenis?

Talvez um dia encontremos uma pista para o descobrir, ou elementos para o revelar. Talvez...

(2) Diz o nosso cronista Pereira Lopes: «A's 8 horas da noite do dia 1 de Novembro de 1832 chegaram a Braga S. M. o

e inspeccionou alguns quartéis do Norte (Valongo, Penafiel, etc.), de sua inteira confiança, incutindo às guarnições a firmeza do seu prestígio e o valor da sua autoridade decidida e magnânima.

Entrementes as ameaças partidárias despertaram, os boatos fervilhavam e o perigo ribombou por fim.

O troar da artilharia, vindo das bandas do Pôrto, ouvia-se em Guimarães, por vêzes, e distintamente.

As tropas de D. Pedro, tomando o Castelo da Foz, atacavam a cidade do Pôrto e as tropas fiéis de D. Miguel.

Principia por todo o Minho, para a direita e para a esquerda, um desusado e apressado movimento de ordenanças e milícias.

A Guimarães chegam muitos soldados feridos e doentes do exército de D. Miguel, e de Guimarães partem, para vários pontos, soldados e trabalhadores.

Havia lamentos, tristezas e receios nas almas e nos corações dos que viviam na terra e a terra serviam por amor e fidelidade ao Sr. D. Miguel.

E tanto assim, que em sessão extraordinária da Câmara, realizada em 8 de Novembro de 1832, a que assistiu o Corregedor, foi deliberado levar à presença de El-Rei uma súplica:

«Reconhecendo com todo o mundo a coragem e valor pessoal que caracteriza a V. Mag.<sup>de</sup>, e receando que a proximidade do perigo faça com que o mesmo não possa ser contrabalançado pela prudência que aliás tanto resplandece em Vossa Majestade; tem concebido no excesso de amor que consagra a Vossa Majestade, os maiores receios sôbre os perigos a que se exporá aproximando-se ao lugar da luta em que o valoroso e fiel exército se acha empenhado contra os rebeldes que ocupam a cidade do Pôrto, perigos que o sublime discernimento de

---

sr. D. Miguel 1.<sup>o</sup> e as Sr.<sup>as</sup> Infantas, Duque de Lafões e muitos titulares. Depois de ir à Sé, foi para o paço arquiépiscopal. A sua entrada foi brilhante, segundo diziam as pessoas desta vila, que de propósito a foram ver».

Vossa Majestade, melhor que esta Câmara pode expôr, saberá prever e devidamente pesar.... se digne lembrar-se do risco que Sua Sagrada e Real Pessoa pode correr aproximando-se ao lugar dos combates e pesar em Sua Aita e Régia Consideração, que da Salvação da Sua Real Pessoa, pende a Salvação do Reino, e talvez de tôda a Europa Monárquica, e que finalmente desculpe ao Corregedor e Câmara, esta súplica e seus receios..."

E' claro que a prometida visita ia demorando por causa dêstes embaraços e contratempos.

Mas como o Sr. D. Miguel ainda permanecesse em Braga ao correr do novo ano de 1833, os vimaranenses continuavam a alimentar as esperanças, e rezavam convictamente pela vida e saúde do Glorioso Monarca, pois a 3 de Janeiro dêste mesmo ano realizaram-se preces, não só por ordem do vigário capitular de Braga, mas também por aclarada devoção dos seus amigos e partidários, em tôdas as igrejas da vila, «para que não obstante o numeroso exército do Sr. D. Miguel, o Senhor Deus dos Exércitos o ajudasse a destruir os Rebeldes do Pôrto».

Um pouco amainadas as primeiras farroncas e investidas do temporal rebelde, e depois de ser afixado nesta vila (em 11 de Fevereiro de 1833) um decreto do Sr. D. Miguel, lavrado em Braga, onde se encontrava ainda com as Senhoras Infantas, no qual magnânimamente aquêlê Monarca perdoava aos soldados de tôdas as linhas que tinham desertado do seu exército, renasceram as graças de ainda se poderem aclamar a presença e as barretadas galantes do Rei.

E por que não ?

Passaram mais uns meses de ansiedade e expectativa. O prospecto e aspecto rigorosamente festivos da vila tinham desaparecido nos seus galhardetes e arranjos exteriores.

Estava tudo a postos, porém, para o primeiro grito de alerta, sonido que fôsse o clarim de entrada.

Como palavra de Rei não volta atrás, D. Miguel chegou... a Guimarães.

Custou, mas veio. Foi uma honra para uns, e um

certo desapontamento para aqueles que já trabalhavam de sapa e ferroavam na sombra a favor da corrente que ia alastrando no entre-choque partidário das armas e das traições.

E agora, dêste modo o cronista Pereira Lopes nos relata a visita, um pouco apressada e desmantelada, do Sr. Rei D. Miguel:

«No dia 20 de Maio de 1833, pelas 11 horas da manhã, chegou aqui o Sr. D. Miguel, acompanhado do conde de Soure e de outro titular, e do chantre eleito da Colegiada desta vila, o qual vinha a cavalo numa bêsta de albarda, trazendo chapéu desabado, uma veste de peles e um pau às costas. Já era cônego em Evora e estava nomeado chantre para a Colegiada desta pelo Sr. D. Miguel.

O Sr. D. Miguel, além dêstes figuros, só trazia dois criados de farda e um cavalaria.

Entrou pela rua de Santa Luzia, passou pela rua de Mata-diabos e foi pela rua dos Mercadores à Senhora da Oliveira, onde viu as coisas mais célebres daquela Colegiada, demorando-se pouco tempo na observação das mesmas.

Da Senhora da Oliveira foi pela rua dos Açoitados (que ficou a ser e ainda é conhecida por viela de D. Miguel), na qual a Maria da loja levantou um «viva o meu reizinho»; seguiu pela rua de Santa Maria e Carmo aos quartéis, onde também se demorou pouco tempo, voltando outra vez pelo Carmo, rua de Santa Maria, Praça da Oliveira, Senhora da Guia, Trás-o-Muro, Terreiro de S. Francisco, Praça do Toural, rua de Mata-diabos, rua de Santa Luzia e foi outra vez para Braga.

Logo à sua entrada, que não era esperada, houve imensos repiques de sinos, foguetes do ar e cobertores nas janelas, havendo muitos vivas. A' noite houve iluminação geral».

E foi tudo, e tudo isto de afogadilho, tanto que a «1 de Junho, à uma hora da manhã, quasi precipitadamente saíram de Braga o Sr. D. Miguel, as Senhoras Infantas, todo o estado maior, grandes do reino, etc. Tôda a Côrte.

Foram pernoitar a Valongo e dali continuariam a viagem até Coimbra. A sua não esperada saída, cau-

sou grande sensação, não só ao povo de Braga mas ao de tôda a Província, por se temer um rompimento das tropas do Sr. D. Pedro, que ainda estavam no Pôrto e tinham aumentado muito, não só com reforços que lhe tinham vindo das Nações estrangeiras, mas também com muitos soldados de diferentes partes do reino».

### Preparativos para a Visita do Príncipe D. Fernando

Tendo sido participado à Câmara de Guimarães que Sua Alteza Real o Príncipe D. Fernando devia chegar a esta vila no dia 11 ou 12 de Julho de 1836, a vereação de 6 de Julho tomou as seguintes resoluções:

«Sobre a Aposentadoria de S. A. R. e Sua Comitiva a saber — Que Sua Alteza Real, o Seo Secretario Conselheiro Carlos Dietz, o Barão Dies Seo Ajudante de Campo, o Seo Medico e dois Seos Ajudantes d'ordens; Que o Duque da Terceira com o Official da Secretaria d'Estado, o Seo Medico e dois Seos Ajudantes d'ordens, fossem aposentados na *Caza de Vila Flor, de Nicolão Arrochella Malheiro*; Que o Duque da Terceira com hum official da Secretaria d'Estado e dois Ajudantes de Campo fossem aposentados na *Casa do Barão de Vila Pouca*; Que o Marquez de Saldanha com hum Ajudante de Campo fosse aposentado na *Casa de D. Maria Jose do Amaral Branco*; Que o Menistro da Belgica o Cavaleiro Silvano Vander e hum Ajudante de Campo de S. A. R. para a *Caza do Arco de Bernardo Correia, Visconde de Azenha*; Que o Quartel Mestre General e hum Ajudante de Campo, na *Casa de Domingos Cardoso de Macedo*; Que o Ajudante General Conselheiro João Sarmento, na *Caza de João de Mello Sampaio*; Que dois Ajudantes de Campo de S. A. R., na *Caza de Vicente Pindella*; Que outros dois Ajudantes na *Casa de Rodrigo Lobo*; Que o Governador Civil, na *Caza de Manoel Joaquim Pereira Soares*; Que hum outro Ajudante na *Casa de Dona Luiza Coelho*; Que hum outro na *Caza de D. Catharina Maria*».

«Que se fizesse publico aos habitantes desta V.<sup>a</sup>

por Editas e hum Bando a chegada de S. A. R. e que os habitantes asseassem suas janelas com damascos, e que á noute as illuminassem e dessem todas as demonstrações possiveis de regozijo e satisfação, proprias de tão grande objecto; Que se mandasse vir huma Muzica grande para tocar á chegada de S. A. R. junto ao seo Apozento, e no tempo restante nas praças e ruas desta Villa; Que se formassem e construissem dois Arcos elegantes e aceados, hum na entrada da V.<sup>a</sup> no sitio da ponte de Santa Luzia, e outro no sitio da rua que dá entrada para a Casa de seo Alojamento; Que se perparasse grande quantidade de fogo do ar, para ser lançado á Sua chegada e durante o tempo que aqui se demorasse; Que houvesse hum Solene Te-Deum na Igreja matriz de Nossa Senhora da Oliveira; Que a Camara se constituisse em Sessão premanente até que se verificasse a passagem de S. A. R. por esta Villa» (1).

Sôbre esta visita relata o cronista vimaranense nos seus livros manuscritos:

— «Em 6 de Julho de 1836 chegou a esta vila a notícia de ter entrado na cidade do Porto o Principe D. Fernando Augusto, esposo da Rainha a Sr.<sup>a</sup> D. Ma-

(1) *Livro de Vereações de 1834 a 1836*, de fôlhas 224 v. a 226 — Arquivo Mun. de Guimarães.

— Em 16-10-1826 chega a esta vila o general da provincia Marquês de Angeja, que foi esperado á ponte de Santa Luzia pelo batalhão de caçadores 11, e o acompanhou até à *Casa do Rairoso*, no Terreiro da Misericórdia. Era acompanhado por bastantes constitucionais que conduziam archotes acesos e depois de dar uma volta no Tournal entrou pela Porta da Vila, onde lhe haviam levantado um arco, dirigindo-se para a habitação que lhe estava destinada. As ruas estavam iluminadas. (P. L.).

— Em 24-10-1828 chegou a Guimarães o Principe Frederico de Hesse, que foi esperado pela Câmara e por ela acompanhado até à *Casa do Rairoso*, no Terreiro da Misericórdia, onde ficou hospedado. Houve repiques em tôdas as tôrres e estavam endamascadas tôdas as janelas das ruas por onde passou. Admirando e gostando muito de Guimarães, êste Principe estrangeiro veio a esta terra fidalga passar longas temporadas, sendo hóspede de honra, por vezes, dos Conventos de S. Francisco e S. Domingos.

«O que apurei, irredutivelmente, foi que Frederico de Hesse se deu muito bem na capital do Minho e nas povoações que visitou, tendo sido hóspede, entre outras, da Casa do Arco, do Visconde de Azenha, em Guimarães, onde deixou como lembrança uma das

ria 2.<sup>a</sup>, o qual veio de Lisboa num barco a vapor para visitar aquela cidade e depois visitar algumas terras da provincia do norte do reino, como Braga, Guimarães, Amarante, Vila Real, Lamego, Viseu, Coimbra, Leiria, Pombal, Santarem, etc., e depois recolher outra vez a Lisboa.

Em consequência desta notícia e da participação official do Governador Civil de Braga, que havia prevenido a Câmara desta vila da vinda de S. A., mandou a Câmara pedir ao Nicolau d'Arrochela a sua casa do Cavalinho para o aposento de S. A. R., assim como mandou preparar arcos e uma iluminação».

Logo a seguir:

— «Em 9 de Julho de 1836 participou o Governador Civil de Braga para esta vila, que ainda se estava em dúvida se S. A. R. viria a Guimarães, pois se supunha que só viria a Braga e depois ao Pôrto e dali embarcaria outra vez para Lisboa. Em consequência desta notícia mandou a Câmara suspender os preparativos que se andavam a fazer para a sua entrada.»

João Lopes de Faria, acrescenta à margem: «Não veio a Guimarães».

### Visita de D. Maria II

*Braga, 17 de Maio* — No dia 15 pelas 5 horas da manhã, partiram para Guimarães, acompanhadas das Autoridades e de muitas pessoas de distinção, encontrando pela estrada alguns arcos com músicas popula-

---

suas fardas — verde, bordada a retrós, a oiro e prata, que esteve na exposição realizada no Palácio de Cristal em 1867». (*O Pintor Roquemont*, por Júlio Brandão, pág. 21).

— Supomos que esta tão apregoada *Casa do Ratvoso*, é a mesma que apelidavam também de *Casa dos Coutos*, destinada para alojamento de D. Miguel.

— Em 13-7-1847 entrou na vila de Guimarães o Duque de Saldanha, marechal do exército e o seu estado maior, com grande escolta de cavalaria e um grupo de lanceiros. Do seu numerosíssimo estado-maior faziam parte o marechal de campo Mesquita e o brigadeiro Barão de Saavedra.

O Duque foi aboletado para a *Casa do Arco* e o general Mesquita para a *Casa do Toural*.

res, muito povo vitoriando o Real préstito, e muitas mulheres chorando de alegria por verem a sua soberana. El-Rei demorou-se algum tempo nas Caldas das Taipas examinando os banhos e as diferentes inscrições antigas, e depois das 9 horas entraram em Guimarães, aonde uma multidão de povo das aldeias e Vila deram muitos vivas a SS. MM. e AA., e assistindo ao Te-Deum na Colegiada de Nossa Senhora da Oliveira, recolheram ao Paço da Casa do Sr. Nicolau d'Arrochela.

*Guimarães, 17 de Maio de 1852* — Suas Majestades entraram nesta Vila no dia 15. Tudo era alegria e satisfação; as ruas do trânsito estavam atulhadas de povo. A' porta da Vila estava um rico arco, e tôda a Vila em geral estava ricamente armada. O Sr. João Machado Pinheiro recitou um brilhante discurso ao entregar as chaves da Vila (1).

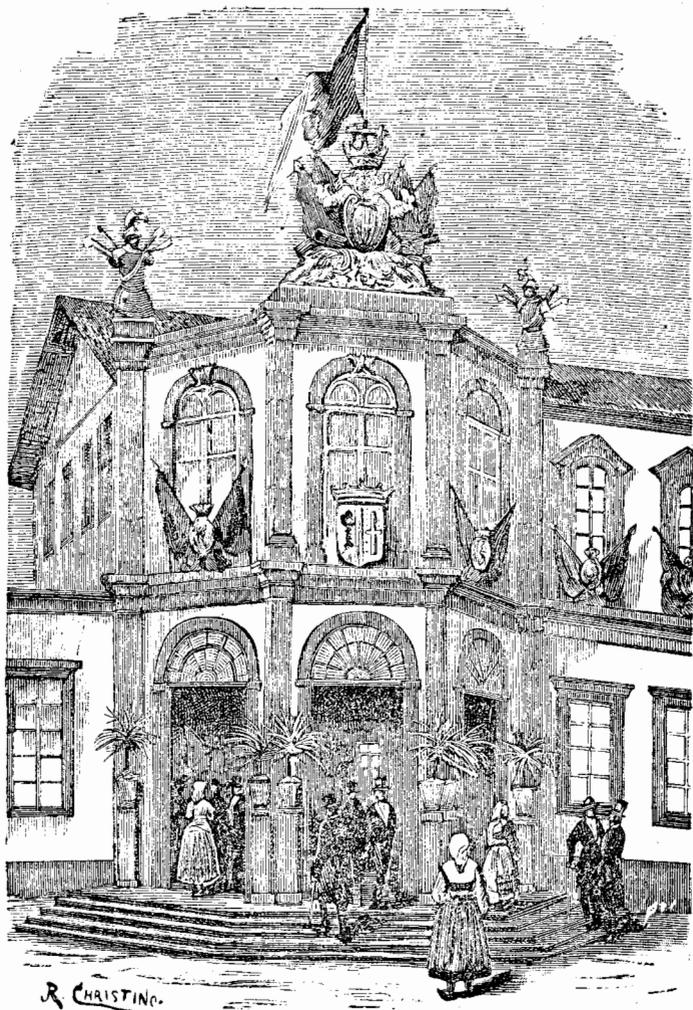
De como foram e se realizaram os festejos em Guimarães, em honra de D. Maria II, fala-nos um caderno manuscrito de velha idade no aspecto de negrura e pitoresco de grafia, que nos foi amavelmente oferecido pelo saudoso João Lopes (2).

E' sempre curioso ouvir os antigos no seu júbilo e na sua ingenuidade de descrição affectiva e pessoal: «O dia 15 de Maio (sabbado) de 1852 appareceu tam risonho como festival para esta Villa de Guim.<sup>es</sup> perparada para receber os Reais Viajantes, mas surpreendida pela antecipação nascida da resolução de não hir ao Gerez; ella como por encanto se adornou no pouco entervallo q. houve, e com tanta vontade e actividade, que os encarregados das diferentes comissões dos festejos, mesmo nas 2 noutes do intervallo depois que se soube com certeza o dia e hora em que S. Magestades devião entrar. Muito levaria a descrição minuciozamente todos esses festejos, e por isso direi só em summa como estava adornada a Villa, como forão recebidos os Augustos e Reaes Viajantes e tudo quanto se passou de mais notavel.

---

(1) *Periodico dos Pobres no Porto*, n.º 116, de 18-5-1852.

(2) Dos livros das vereações da Câmara nada consta desta visita Régia.



Palacete de Vila-Flor

(Gravura d-«A Ilustração Universal»).

Pelas 9 horas e meia da manhã do dia 15 entrarão nesta Villa S. M. a Rainha, S. M. El Rey o Principe Real e o Infante D. Luis Duque do Porto no meio do mais frenetico enthusiasmo de hum povo immenso, q. os acompanhava e victoriava: no Toural os esperava proximo do Pavilhão Real, a Camara, o Juiz de Direito, substituto e Ordinário, e mais Empregados da justiça e administração, e tanto povo que occupava quasi todo o terreiro apezar de grande: as janellas estavam bem guarnecidas de Senhoras e todas adamascadas, e a grande boa e uniforme fachada dos edificios deste terreiro pintada a huma só cor, (de limão).

Proximo do Pavilhão S. Magestade desceu do coche e recebeu as chaves da V.<sup>a</sup> q. lhe forão entregues pelo Prezidente da Camara, e depois forão suas Magestades e Altezas recebidas debaixo do Palio e seguirão pela rua dos Mercadores q. estava bem guarnecida e alcatifada de baeta cor de purpura no centro e pelos lados de ervas odorificas, e as janelas apinhadas de senhoras e adamascadas, até á Collegiada, onde foi recebida pelo Cabido com o ceremonial do costume, e em seguida levantou o chantre o Te-Deum q. continuoou a ser cantado a acompanhamento de instrumental escolhido dos melhores musicos da Villa, Braga e outros Concelhos visinhos; findo foram SS. MM. e Altezas acompanhados até ao coche pelo Cabido e mais pessoas ecclesiasticas e de distincção, como o Conde de Villa Pouca, Visconde d'Azenha, Barão do Costiado, Barão do Almargem, Par do Reino Arrochela, Deputado Martinez da Costa e muitos outros Cavalheiros que tinham assistido ao Te-Deum.

Subio S. M. ao coche e seguiu para a *Casa de Vila Flor do Ex.<sup>mo</sup> Arrochella* a qual estava bem guarnecida e preparada para receber os Reaes Hospedes, e com huma legenda que dizia:

*E's mais Rainha e mais Soberana  
Levantando o Throno na choupana.*

O povo não cessou de acompañar e victoriar os Reaes Viajantes até a entrada do Palacio cujo terreiro durante q. SS. MM. ali se conservaram foi mais frequentado q. huma romaria das mais concorridas.

A' noite a illuminação foi brilhante e concorrida e a dos jardins do Ex.<sup>mo</sup> Conde de V.<sup>a</sup> Pouca e Arrochela fazião huma linda vista, bem como a Torre de S. Fran.<sup>co</sup> e obliisco do Toural igualmente as muzicas tocarão constantem.<sup>te</sup>.

No ter.<sup>o</sup> de S. Fran.<sup>co</sup> e com vista p.<sup>a</sup> o Palacio estava huma grande arcada illumorada, e por baixo "Ao Principe Real", e ao lado esquerdo outra, e por baixo "Ao Duque do Porto" e no centro hum Throno illuminado a cera com os retratos de SS. MM., e ali seis Meninas cantando os diferentes hymnos acompanhadas a muzica.

O Povo demorou-se a ver a illuminação e passando de huma para outras até depois de huma hora da noute.

A illuminação da rua dos Mercadores, ou Çapateira, fazia huma linda vista, porque estava colocada com gosto principalmente na 2.<sup>a</sup> noite.

Na primeira noite forão p.<sup>o</sup> varias vezes diferentes muzicas com m.<sup>to</sup> povo tocar á porta do palacio, e as 6 meninas q. estavam na illuminação do terr.<sup>o</sup> de S. Fran.<sup>co</sup> cantarão os hymnos, e depois, no fim das quadras q. cantaram o immenso povo q. estava correspondia com vivas ás Pessoas de SS. MM., Principe, Duque do Porto, emfim por todas as ruas que o Marechal Saldanha andou precorrendo acompanhado de seus Ajudantes e muitos outros cavalheiros da V.<sup>a</sup>, pode-se dizer nunca andou tanto povo, que veio a distancia de muitas legoas.

No dia 16 pela huma hora da tarde derão SS. MM. beija mão á Camara, cabido, cujo Presidente recitou uma eloquente e breve felicitação a Sua Magestade, que depois se dignou recebe-la por sua propria Mão, Ordem 3.<sup>a</sup> dominica representada por 4 de seus membros, e prezidida pelo Prior de Villa do Conde D.<sup>os</sup> da Soledade Sillos, q. igualmente recitou outra, e pediu a SS. MM. se dignassem tomar o habito da Ordem, e visitar o seu hospital, ao Conde e Condessa de V.<sup>a</sup> Pouca, e seus filhos, Visconde de Azenha e seu filho, etc., e a muitos outros cavalheiros e eclesiasticos que estavam nas circunstancias, findo o qual foi apresentada a S. M. El Rey huma fechadura que elle m.<sup>to</sup> admirou, e foi chamar a S. M. a Rainha para a vir

ver, sendo-lhe tambem apresentados outros presentes, como foi huma bandeja, almofadada coroa e sceptro de linha, feita no convento das Dominicãs, e obra q. admirou a quantos a virão tanto q. S. M. mandou agradecer e perguntar o nome da Freira q. a tinha feito.

A's 3 horas e meia da tarde sahirão SS. MM. do palacio, e se dirigirão no meio de inthusiasticos vivas, repicar de sinos, e fogo, que constantemente não tinha cessado desde a chegada de SS. MM. e se dirigirão á Collegiada, onde lhes foi mostrado o Thezouro da Senhora, paramentos e mais adornos da Igreja, e antiguidades q. tudo admirarão principalmente a Cruz grande e a Custodia pelo seo rico lavor e conservação, estranhando q. a Pia em q. fora baptizado D. Affonso Henriques estivesse pintada: era tanto povo q.<sup>do</sup> SS. MM. sahirão da Igreja q. difficultozamente S. M. a Rainha pôde subir ao coche fazendo-lhe aflorir ao semblante hum sorriso de praser q. por tempo lhe durou, e ao povo hum motivo para ficar, como ficou, encantado, ouvindo-se involuntariamente demonstrações de prazer.

Em seguida se dirigiram a S. Dom.<sup>os</sup>, onde forão recebidos de baixo do Palio, indo rezar ao Santissimo, q. estava exposto, correndo depois ao hospital da ordem, e S. M. El-Rey conversou com os doentes: sahirão ao jardim, aonde se demoraram examinando o cão de murta nativa, louvando El Rey o bem apparelado e a bella situação e riqueza do jardim, nada escapou á sua prespicacia. Forão d'ahi a S. Francisco, aonde se lhe cantou hum Responsorio proprio, e depois ao Hospital da ordem, dando na sahida algumas esmolas aos pobres, e consta que deixarão ordem para se dar esmolas aos 6 conventos de Freiras e recolhidas da Villa, bem como aos entrevados e presos da cadeia, e varias pessoas particulares. Parece q. S. M. a Rainha tenciona mandar uma prenda á S.<sup>ra</sup> da Oliveira, á imitação de seus Augustos Avós Predeceçores. Logo q. SS. MM. Altezas sahirão de visitar a Igreja e hospital de S. Fran.<sup>co</sup>, S. M. a Rainha e os Principes se recolherão ao palacio, indo El Rei ver os quartéis, Ig.<sup>a</sup> de S.<sup>ta</sup> Margarida e antigo Castelo, q. m.<sup>to</sup> admirou, retirando-se sem visitar o hospital publico e outros estabelecimentos.

O Ex.<sup>mo</sup> Duque da 3.<sup>a</sup> esteve hospedado na *Casa do Ex.<sup>mo</sup> Conde de V.<sup>a</sup> Pouca*, e o Ex.<sup>mo</sup> Duque de Saldanha na do *Ex.<sup>mo</sup> Visconde de Azenha*, estando ambas preparadas com grandeza e decencia propria destes 2 nobres Cavalheiros. O Ex.<sup>mo</sup> General e outros, na *Casa do Sr. Luis Martins da Costa*, e os mais da R. comitiva em varias outras casas. A' noute se repetio a m.<sup>ma</sup> illuminação, porem com mais gosto e grandeza pela esperança q. havia de SS. MM. se dignarem ir vê-la, o q. não fizeram por ter de sahir de madrugada.

Houverão varias felecitações, como foi da parte da Camara de Coimbra e Universidade e Camaras dos Concelhos vizinhos. Os povos do Gerez trouxeram a SS. MM. 3 cargas de caça morta e 7 cabrinhas das bravas q. vinhão, vivas as quaes levam para Lisboa. S. M. a Rainha, dando desculpa de lá não ter ido, prometeu q. ainda lá havia de hir.

Emfim pelas 5 horas da madrugada sahirão Suas Magestades na direcção de S.<sup>to</sup> Tirso, deixando muitas saudades aos povos q. a esta V.<sup>a</sup> concorreram."

Só o povo de Vizela foi tristemente enganado! Estalaram os foguetes, repicaram os sinos, os músicos abocaram os instrumentos e todo o povo jurou ver as Majestades. *Lá vai o Rei. O Rei vai nu...* Qual Rei, nem qual carapuça. A Rainha é que ia maçada das andanças festeiras de Guimarães e desandou caminho...

Nem por isso os vizelenses deixaram de gozar os festejos que haviam preparado, nem a comissão das pompas deixou ir pela água abaixo a succulenta e real comessina. O povo é soberano!

O discurso de felicitações... ficou nos jornais. A representação que tinha de ser lida a S. M. arquivaram-na os mesmos periódicos:

*Senhora! Dignai-Vos d'olhar* por estas piscinas salutíferas e em tanta abastança como não há outras em nosso Portugal!

*Vê-de, Senhora*, o abandôno em que as têm deixado os veladores das augustas determinações de Vossos Avós!

*Examinai, Senhora*, os cuidados e os desvelos dos antigos dominadores do mundo, atestados contra a fúria dos séculos e contra os desleixos das câmaras municipais!

*Considerai, Senhora*, que é nestas Caldas de Vizela onde vêm fazer uso dos banhos os soldados da 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> divisão militar!

*Senhora!* Por tôdas estas considerações, dignai-Vos elevar estas Caldas famosas à categoria de Reais e de Vila, como o único meio de haver quem olhe nêste torrão pelas imensas e inapreciáveis riquezas das Caldas de Vizela! (1)

Por quem quer. que fôsse, esta traiçozinha foi manobrada, visto as Majestades terem prometido a visita e os vizelenses terem armado em arco a sua terra. Todos se vestiram de ponto em branco, dominieiramente, e esperavam a postos, rijamente afoitos. Seria um arraial de festa, espanejado e vivo, onde o povo, galhardo e orgulhoso, saltaria de pés e alegria, no rodopio das danças e dos cantos de louvor.

Ainda assim foi pena, porque a decepção abafou o fôlego de todo o entusiasmo.

Vejamos então os factos e os preparativos:

«*Caldas de Vizela, 17 de Maio de 1852* — Os moradores das duas freguesias das Caldas de Vizela, S. Miguel e S. João, desejosos porque SS. MM. e AA. vissem a riqueza de águas medicinais, dirigiram uma representação a S. M. que lhe foi entregue em Famação, dignando-se aceitar o convite.

Logo que foi sabido nomearam uma comissão, e para presidente o Rev.<sup>do</sup> Abade Miguel Joaquim de Sá, de S. Miguel das Caldas. Foram levantados quatro arcos, desde a Botica até à Lameda, todos êles de bom gôsto e trabalho, e dous no caminho para os banhos de Mourisco à ponte das Caldas. No meio da Lameda foram colocadas quatro cadeiras ricamente vestidas debaixo de um rico docel, e num estrado elevado

---

(1) *Periodico dos Pobres no Porto*, n.º 127, de 31 de Maio de 1852.

destinadas a SS. MM. e AA. para disfrutarem a deliciosa vista dêste amêno sítio.

Fizeram aprontar a linda casa de Velemenso (!) tapetada tôda de baeta carmezim, e as portadas com damascos, tendo também quatro cadeiras ricamente vestidas, e a sala destinada a SS. MM. e AA. descansar guarnecida de jarrões da India e jarras com flores e as janelas tôdas embandeiradas e adamascadas. Ao entrar esperava a comissão com seu presidente e uma boa música instrumental.

Estavam já mais de mil pessoas para verem e vitoriarem a S. M. Os moradores como à porfia se esmeraram em alcatifar a estrada e caminhos de ervas aromáticas e flores, e os que tinham janelas as adamascaram, e as mesmas casas térreas guarneceram as portas com cortinas.

Mr. Wilby havia disposto um decente almôço com a delicadeza que lhe é própria e como permitem as poucas comodidades duma aldeia, mas mui agradável, principalmente pela linda vista da sua casa que muito havia de interessar a SS. MM. e AA.

No dia em que chegaram a Guimarães, foi o regedor desta freguesia, em nome dos regedores e juizes eleitos entregar a S. Ex.<sup>a</sup> o Duque de Saldanha a participação de que aqui tudo se achava aprestado para a recepção de S. M. S. Ex.<sup>a</sup> recebeu com urbanidade e respondeu que a visita teria lugar hoje, pelas sete horas da manhã. Redobramos os preparativos e todos ansiosos esperavam tão feliz momento.

A's horas precisas fizeram postar os foguetes que haviam de dar sinal; porém, como os indivíduos encarregados não conhecessem, e vissem o ajudante Vasco Guedes com ordenança, que se dirigia para a sua casa da Costa, deram o sinal, ao que repicaram as tôrres e subiram ao ar grande número de foguetes, porém chegando o sobredito ao lugar da Pedra longa, e vendo tão crescido número de povo apinhado e ansioso por vitoriar S. M. disse que S. M. já havia passado a Madalena para baixo e que não vinha aqui!

A desesperação manifestou-se em todos os sem-

---

(!) Era a casa do antigo Hotel do Padre.

blantes, e a todos os indivíduos se ouvia dizer que o Duque trazia S. M. enganada, e se êstes povos tivessem alguma dedicação pelo Duque, tôda perdia por êste facto, tanto mais porque não houve participação official de que S. M. havia tomado outra deliberação.

A música tocou constantemente o hino da Rainha e de El-Rei D. Fernando. Foram levantados vivas à Família Real.

Mr. Sara Wilby convidou o presidente da comissão, alguns membros dela e outros amigos para o almôço que havia preparado, findo o qual vieram todos gozar à Lameda o fresco da manhã, debaixo do arvoredor, para ouvir a música" (1).

Assim se deram os factos e assim decorreu a festa, ao invés dos pretendidos desejos, e mesmo fora da privança das Majestades. Ao cabo tudo ficou em bem e como dantes, porque a Rainha fêz expedir do Paço, em Santo Tirso, uma Portaria aos povos de Vizela, assinada pelo Duque de Saldanha, pedindo desculpa de não poder visitar as Caldas, pelo atraso em que lhe ficaria a jornada, etc., etc. (2).

#### D. Pedro V

D. Pedro V não chegou a efectuar a sua visita a esta cidade, embora os vimaranenses alimentassem boas esperanças. Tanto assim, que em vereação de 28-8-1861 se deliberou "que pela ocasião da proxima vezita de Sua Magestade Fedellissima El Rey o Senhor Dom Pedro Quinto, e de Seo Augusto Irmão o Serenissimo Senhor Duque de Beja á Capital deste Destricto, fosse huma Commissão composta do Sr. Presidente e dos Srs. Vereadores Varella, Furtado e Areias, felecionar os Mesmos Augustos Senhores em nome dos povos deste municipio" (3).

---

(1) *Periodico dos Pobres no Porto*, n.º 127, de 31 de Maio de 1852.

(2) *Idem, idem.*

(3) *Livro das Vereações*, n.º 1356, a fôlhas 65 v. — Arquivo Municipal de Guimarães.

Em 11 de Novembro de 1861 faleceu D. Pedro V, e na sessão de 13 do mesmo mês resolveu a Câmara que no dia 27 se realizasse a cerimónia da quebra dos escudos (1).

### Visitas de D. Luís I

Em 2-7-1872, vindos de Braga, visitam a Fábrica de Tecidos de Caneiros e esta cidade, El-rei D. Luís I e seu irmão o Infante D. Augusto, que vinham acompanhados do Ministro da Fazenda, Fontes Pereira de Melo e Ministro das Obras Públicas.

Entraram às 11 horas e 9 minutos no adro da Colegiada, onde os esperava o Cabido com o pátio. Houve um soleníssimo *Te-Deum*, oficiado pelo cônego Arcipreste, a grande instrumental.

O paço onde tiveram lugar a recepção e o jantar, foi na *Casa de Luís Cardoso Martins da Costa Macedo (depois Conde de Margaride)*.

Ao fim da tarde visitaram os três hospitais. A' noite houve uma brilhante iluminação, principalmente na rua da Rainha, tôda iluminada, pela primeira vez em Guimarães, a copos de vidro. Os régios visitantes retiraram às 2 horas da madrugada para Amarante. (*Efeméride de J. L. de F.*).

— Em 20-10-1887 visita esta cidade El-rei D. Luís I, acompanhado da Rainha D. Maria Pia, dous filhos e nora, D. Afonso Henriques, Duque do Pôrto, José Luciano de Castro, Presidente do Conselho, Emídio Navarro, Ministro das Obras Públicas e Conde e Condessa de Bertandos.

Fizeram entrada solene na Colegiada à 1 e meia horas da tarde, onde houve *Te-Deum*. Depois seguiram para o *palacete dos Condes de Margaride*. José Luciano foi para a *Casa dos Brancos*, porque o Dr. Ferrão era seu patrício, e o Navarro para a *Casa do Dr. Augusto Chaves*.

A's 4 da tarde assistiram à inauguração da estátua de D. Afonso Henriques, obra do architecto José

---

(1) Ver no *Livro das Vereações*, n.º 1356, a fls. 95 e seguintes, a curiosa e minuciosa descrição daquela cerimónia.

António Gaspar e do escultor Soares dos Reis, no Campo de S. Francisco. A's 5, no Campo do Proposto, assistiram ao lançamento da primeira pedra para o edifício da escola industrial. A's 10 da noite voltaram para o Bom Jesus. (*Idem*).

### Visitas de D. Carlos I

— Em 29-11-1891 visitaram esta cidade El-rei D. Carlos e a Rainha D. Amélia, acompanhados pelo Ministro das Obras Públicas João Franco Castelo Branco.

Chegaram às 2 da tarde à Colegiada, onde houve *Te-Deum*, presidido pelo Arcebispo de Braga.

Inauguraram o seminário no palacete da Praça de S. Tiago e foram à Sociedade M. Sarmiento e aos Bombeiros Voluntários. Enquanto El-rei foi ao quartel militar, a Rainha foi ao hospital da Misericórdia.

A's 11 horas da noite saíram do *palacete dos Condes de Margaride*, onde estiveram hospedados, e retiraram para Braga.

— Em 13-8-1907 visita Guimarães El-Rei D. Carlos, que vinha acompanhado do Conde de S. Lourenço, D. Tomás de Melo Breyner, médico da real câmara e António Ferreira Pinto Basto, oficial às ordens.

Chegou às 6 horas e 40 minutos da tarde, vindo de automóvel pela estrada de Fafe. Hospedou-se no *palacete dos Condes de Margaride*, onde deu recepção. Houve marcha luminosa, organizada pelos empregados do comércio e bombeiros. A's 8 e meia da manhã seguiu para Amarante.

### Visita do Príncipe Real D. Luís

Em 11-10-1901, pelas 3 e meia horas da tarde, visitou esta cidade, indo à Colegiada, Câmara, Sociedade M. Sarmiento, Castelo, Santa Margarida, oficina de cutelaria do 35 e fábrica da Avenida, o Príncipe Real, retirando às 7 horas para Braga. Veio de trem, acompanhado do Mousinho de Albuquerque, Arcebispo de Braga e Governador Civil, etc.

Na Colegiada foi esperado pelo Cabido, onde houve somente toques de órgão e sinos.

A Câmara, dignidades, funcionários e representantes das corporações foram esperar o Príncipe às Caldas das Taipas.

### Visita de D. Manuel II

Em 29-11-1908, vindo de combóio, chegou a esta cidade, da parte de manhã, S. M. El-Rei D. Manuel, seguindo direito à Câmara, onde deu recepção. Na Colegiada celebrou-se o costumado *Te-Deum*. Visitou o quartel de infantaria 20, a Sociedade M. Sarmiento e os Bombeiros Voluntários. Hospedou-se no *palacete dos Condes de Margaride* (1).

Antes da chegada de El-Rei D. Manuel, foi distribuído pelo povo, para ser cantado,

#### O HYMNO NACIONAL.

*Surja ativa a nossa historia  
N'este tão faustoso dia!  
Cante o povo hymnos de gloria  
No Berço da Monarchia.* (bis)

CÔRO

*Viva El Rei! Viva El Rei!  
Brada o povo: «Real! Real!  
Pela Patria, pela Lei,  
Por El-Rei de Portugal!»* (bis)

*Sêde ó Rei, nosso conforto,  
O phanal sêde a luzir  
Que nos guie ao aureo porto  
Das victorias do porvir.* (bis)

CÔRO

*Viva El-Rei! etc.*

*Nosso amor sincero e fundo  
Tornará, Senhor, patente  
Se é melhor sêr rei do mundo  
Do que sêr rei de tal gente.* (bis)

CÔRO

*Viva El-Rei! etc.*

*Será vossa honra e gloria  
O deixar assim gravado  
O vosso nome na Historia:  
Dom Manuel, o Muito Amado.* (bis)

CÔRO

*Viva El-Rei! Viva El-Rei!  
Brada o povo: «Real! Real!  
Pela Patria, pela Lei,  
Por El-Rei de Portugal!»* (bis)

(1) A 17-2-1945, vieram em visita particular a esta cidade, tendo sido hospedados na *Casa de Caneiros*, do Sr. Major Alberto de Macedo Meneses (Margaride), Suas Altezas o Príncipe D. Pedro de Orleans e Bragança e a Princesa D. Esperanza, que eram acom-

### Chefes de Estado

Em 14-1-1918, pelas 5 horas da tarde, chegou a Guimarães o Sr. Presidente da República, Dr. Sidónio Pais, acompanhado dos Ministros da Instrução e do Comércio, tendo sido delirantemente aclamado no recinto do Proposto. O cortejo seguiu para a Câmara Municipal, onde houve recepção. Visitou o tesouro da Colegiada e o quartel. Na Sociedade Martins Sarmiento, pelas 7 horas da noite, foi-lhe servido um copo de água, retirando depois para o Pôrto.

— Em 4-4-1929, chegou a esta cidade, pelas 18 horas, em combóio especial, o Sr. Presidente da República, General Oscar Carmona. Recebeu as Boas-vindas na Câmara Municipal e hospedou-se no palacete de Vila-Pouca. Visitou a Sociedade, Museu Alberto Sampaio, Castelo, Quartel, Pevidém, Campelos e Penha, e inaugurou os telefones.

— Nos primeiros dias do mês de Junho (3 a 5) de 1940, por ocasião das Grandes Festas Centenárias, que tiveram início em Guimarães, S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor General Carmona, Presidente da República, foi Hóspede Muito Ilustre desta cidade, tendo sido instalado no Castelo, onde pernitoitou.

---

panhados pelo Sr. José Júlio de Moraes, Secretário da Embaixada do Brasil em Madrid. Suas altezas visitaram todos os Monumentos da Cidade, a Citânia de Briteiros e a Penha.

— No dia 17 de Outubro de 1946 chegou a esta cidade, pelas quatro e meia horas da tarde, vindo de Braga, o ex-rei da Itália, Humberto II, acompanhado pelos seus ajudantes de campo e amigos particulares. Visitou rapidamente os monumentos e museus da terra, dirigindo-se pelas 5 horas para o palacete da Senhora D. Maria Carolina de Magalhães Santiago, em S. Cipriano de Taboado, dèste concelho, onde lhe foi servido um chá.

## COMO SE ARMAVA UM CAVALEIRO DA ORDEM DE CRISTO

Que eram armados, os cavaleiros, na Igreja da Insigne e Real Colegiada, alguém o saberá.

De como seguiam as regras e as praxes que coroavam êsses actos, também não é difícil alguém sabê-lo, por serem modestas, a avaliar pela letra dos papéis que asseguravam os direitos de tão elevadas distinções, règiamente concedidas e aviadas e depois diplomàticamente reconhecidas.

Mas saber assim de conhecimento certo e verdadeiro o escalão de todos os passos e fórmulas do ritual cerimonioso e as particularidades com que se alinhavam as galas dessas altas posições sociais, dimanadas por obra e graça de uma respeitável Corporação de Cavaleiros, nem nós o sabemos.

E' que variavam de tempos a tempos e de cavaleiro para cavaleiro, consoante por vezes determinavam os caprichos dos Reis, a dignidade e qualidade dos investidos, a urgência do momento ou a conveniência dos locais onde se realizavam.

Pois é verdade: Que dentro do templo de Nossa Senhora da Oliveira eram lançados os hábitos de Cristo, e só depois os fidalgos ficavam legalmente armados e considerados cavaleiros, não resta dúvida.

Havia as suas cortesias, as mais disfarçadas invejas, as mais contrafeitas curvaturas de espinha, os seus ademanes protocolares, e a função de investidura, alheia a tôdas as viseiras agourentas, a tôdas as inconfessadas paixões e a todos os mortícios e fraldiqueiros roedores da reputação campanária e da camisa lavada, enchia o recinto e tomava aspeitos de airocidade aparatosa e soiene, pelo menos na pragmática dos juramentos de fidelidade, obediência e fiança religiosa.

Nem podia deixar de ser assim, não só pelas prerogativas, prestígio e elevada crença da Ordem, que concedia liberdades, honras e isenções e obrigava

a deveres e compromissos, como ainda porque ante os altares dos Santos e das Santas e nos regaços afaçosos dos templos de Deus, os passos de cavaleiro e de vassalagem se concertavam e tomavam como que os foros de legitimidade congraçada e fraternal e de baptismo proclamado.

Guimarães, como todo o País, era uma tortulheira dêsses nossos amigos, que Deus haja, mas ainda assim de boa prestantça, de pureza e fina escolha, senhores dos melhores prédios, das mais arregimentadas propriedades, dos mais graúdos dotes, seguros na caça, nas montarias, na equitação, nos brios, no mando, no morgadio e na designação facultada e pomposamente assinada — *Fidalgos da Casa de Sua Majestade e Cavaleiros Professos da Ordem de Cristo* (1).

Era contagioso, viscoso, mas não era de enjeitar.

No século XVII havia também entre nós uma farta colmeia de *Cavaleiros Professos do Hábito de Santiago* (2).

Vamos, tinham igual destaque e encanto, mas ser cavaleiro da Ordem de Cristo era upa e mais upa,

(1) Ver a história da fundação da Ordem de Cristo no tómo I, págs. 332 e seguintes, da *História da Igreja em Portugal*, por Fortunato de Almeida, e o vol. *A Ordem de Cristo*, por Vieira Guimarães. Ver também o termo *Sergentes*, no *Elucidario*, de Viterbo.

(2) Nas côrtes de Evora, realizadas em 1481, já se falou desenvoldidamente da praga dos hábitos sobejos de Santiago:

•Item Senhor huuma cousa se costuma ora em vosos rregnos em grande diminuço de vosa Jurdiçom muitos homees se fazem comendadores e tomam ho abito de samtiago que mais he moodo de viver que hordem pois tem molheres e proprio segundo direito e fazem esto por se ysemtar de vosa Jurdiçom por bem do privilegio a elles pelo papa dado e sam ja tamtos que gram parte dos homees de portugall sam comendadores da espada e se este caminho e soltura vay asi os mais dos homees destes regnhos seram comendadores isemtos da vosa Jurdiçom e nom averom as penas que por seus mallaçios poderiam mereçer Seja vosa merçee ordenardes como hi nom aja tamtos comendadores E se nom soltem vosos sobditos a tomar os abitots sem comenda e sem remda e fazendo-se contra voso mamdado que taes como estes asi fectos nom gouuam de privilegio da dita ordem, etc.». (Ver pág. 126 da parte 2.ª das *Memorias das Cortes Geraes*, pelo Visconde de Santarem).

aspiração de muitos, a máxima, e reserva concedida aos melhores, por mor do bom usufruto da despensa, farta de luxos, de proveitos e de samagaíos.

E era assim mesmo, porque a primeira Ordem Militar Portuguesa, quer queiram quer não, foi a de Cristo. Esta ordem substituiu honrosamente a dos Templários, que junto às de Malta, Aviz e Santiago vieram doutras paragens, com outros usos e cálculos, sobretudo de receita e soberania (1).

Agora vejamos se descambam as considerações em que vamos entrar, embora de esconso, ou se não têm elas mesmo nada para o caso.

Todos os desvios, porém, quando menos, são engraçados e tentadores e sempre desculpados, desde que se peque por qualquer fraqueza, e êles não sejam assim tão feios que metam medo e tão maus que derranquem a história dos factos ou dos acontecimentos.

A igreja de Nossa Senhora da Oliveira, pelas suas mercês e privilégios e grande devoção que duradoiramente lhe tributaram os Reis e os Grandes, tinha paralelo, em quilate e prestígio hierárquico e valor de fama peregrina e milagrosa, com a Catedral de Santiago, onde eram ali, também, no seio do majestoso templo Compostelano, armados, não só os Cavaleiros, como os Reis e os Príncipes.

E' curioso seguir, talvez, para a aproximação e justificação dos actos fidalgos e de cortesia real que adentro da Igreja de Nossa Senhora da Oliveira se realizavam, o estudo de D. Jesús Carro García, que nos revela, ao gôsto dos tempos, como se armavam na Catedral Compostelana os Cavaleiros da Ordem de Santiago.

O candidato apresentava-se com a carta régia da sua nomeação ao Cavaleiro Santiaguista e Alcaide-Mor da Galiza, e uma vez entregue êsse documento devi-

---

(1) A Ordem de Aviz foi introduzida em Portugal pelos Cavaleiros Espanhóis, e governou-se pelos seus estatutos, como a de Santiago, e até as Ordens Mendicantes, que vieram de outros países.

damente selado, um notário procedia à sua leitura, em voz alta:

Don Phelipe, por la gracia de Dios, Rei de Castilla, de León, de Aragón, de las dos Sicilias, de Jerusalem, de Portugal, de Nabarra, de Granada, de Toledo, de Valencia, de Galicia, de Sevilha, de Cordova, de Corcega, de Murcia, de los Algarves, de Algecira, de Gibraltar, de las yslas de Canarias, de las Indias Orientales y Occidentales, yslas y tierra firme del mar Oceano, Archiduque de Austria, Duque de Borgoña, de Brabante y Milán, Conde de Flandres y de Tirol y Barcelona, señor de Biscaya y de Molina, etc., Administrador Perpetuo de la orden y cavalleria de Santiago, Por authoridad Appostolica, saved:

Seguiam os tѐrmos da nomeação, longos e curiosos em todo o seu contexto.

Terminada a leitura, o Alcaide-Mor tomava novamente a carta das mãos do notário, beijava-a e punha-a sôbre a sua cabeça.

Tudo isto era feito diante do altar do glorioso Apóstolo.

O novo cavaleiro era armado pelo Alcaide-Mor, na presença de dous padrinhos, que deviam ser também cavaleiros Santiaguistas, e outros dous lhe calçavam as esporas de cavaleiro.

No final, o Alcaide-Mor desembainhava a espada que trazia à cinta, e com ela empunhada dizia em voz alta:

— Dom Fulano de Tal, quereis ser cavaleiro?

— Sim, quero ser cavaleiro.

Isto se repetia três vѐzes, solenemente, rematando o Alcaide:

— Deus vos faça bom cavaleiro, e o Apóstolo Santiago também.

Ditas estas últimas palavras, tocava com a espada na cabeça e no ombro do novo cavaleiro, embainhando-a seguidamente. Todos os cavalleiros se apresentavam vestidos com os seus hábitos brancos, ostentando as cruces da Ordem.

Depois o D. Prior do Convento de Nossa Senhora da Cerca da Cidade de Santiago toma o novo cavaleiro pela mão, fá-lo sentar no solo, dirige várias perguntas e lança-lhe o manto branco, com a insígnia e as graças de certas bênçãos (!).

E' de supôr a enorme concorrência de público a presenciar uma cerimónia desta índole.

Ser cavaleiro da Ordem de Santiago, como ainda hoje, era possuir uma das maiores distinções e de mais orgulho na alta sociedade.

Até aqui, D. Jesús Carro García nos guiou brilhantemente, através dos documentos notariais que consultou, referentes ao século XVII.

E entre nós, igual ou parecido?

Parecido, mas mais modesto. Não se conhecendo tantos pormenores, arriscado seria pintar os nossos actos com as mesmas côres, sem falsear a verdade e a história, sendo de aceitar, porém, que as voltas, embora um pouco atenuadas de exhibição, fôssem arremedantes.

Ordem de Santiago, Ordem de Cristo, Catedral Compostelana, Templo da Oliveira, irmanavam-se no mesmo asterismo de gravidade, de valor, de fé e de princípios. Ambas as Ordens armavam os seus cavaleiros para guerrear os inimigos da Cruz.

Havia como que uma ligação histórica de milagres, de glórias e de valor hierático entre o Patrão das Espanhas e a Virgem Nossa Senhora da Oliveira.

De Guimarães, de Portugal, iam peregrinos; de Santiago, da Espanha, vinham penitentes. Guimarães dava esmolas aos penitentes, agasalhava-os nos seus mosteiros e pagava os seus votos a Santiago.

Iam promessas valiosas, desfilavam romarias gran-

---

(!) Gama Barros, no tómo I da *Historia da Administração Publica em Portugal*, a páginas 402 e 403, descreve-nos uma muito parecida solenidade da ordem da cavalaria, quando D. Pedro I armou cavaleiro a João Afonso Telo. Semelhante, mas de cerimónia aliás mais tocada e revestida de sumptuosidade.

Como em princípio dissemos, e em alguns passos dêste volume e de outros se confirma, os aparatos e as fórmulas ajustadas aos foros e baptismo dos cavaleiros, variavam por vêzes, segundo as caprichosas vontades dos Reis, as necessidades dos casos ou as permissões das Ordens.

diosas e a fé cresceu, depois, numa junção de affectos amorosos entre nós e à volta dos nossos Santos Padres.

Foram lá príncipes, reis, cavaleiros, governantes, o clero, a nobreza e o povo, e ajustaram-se a muitos esplendores que viram, a muitos costumes que observaram e a muitas regras e práticas que cumpriram, dentro do seu acostumado ambiente religioso, civil, pontifício e palaciano.

E introduziram mais tarde, entre nós, copiando e adaptando, algumas funções, alguns actos, alguns modelos, algumas formalidades rituais, no campo social, político e cristão.

Nem tudo serviu, mas alguma coisa ficou.

Dos seus calcorreantes e lázaros prègadores, a fé se elevou.

Dos seus desmedidos arremêssos de armas e de domínio violento, uma nova crença de amor à Pátria se criou, num sentimento avultado e unido de todos os portugueses.

Diferenças, mas gregárias analogias nos costumes básicos, desde os castros às tradições.

Se divagamos ao correr das linhas testeiras e fronteiriças das cidades e das intermédias raças, nunca mais o cavaleiro vimaranense é rigorosamente armado com o hábito e a insígnia da mui afamada e respeitável Ordem de Cristo.

Voltemos então à primeira forma.

Os cavaleiros da Ordem de Cristo eram armados nas Sés. Alguns vimaranenses na Sé de Braga receberam o hábito.

Só temos conhecimento de como se armava um cavaleiro, pela leitura de um Alvará e Certidão do comêço do século XIX, lançados na nota do tabelião Nicolau Teixeira de Abreu, em 13 de Fevereiro de 1815 (1).

Que a cerimónia se realizava ante o altar da Senhora da Oliveira, é certo. Mas sabemos mais:

Ali compareciam, em dia marcado, e possível-

---

(1) Volume N.º 130, a fôlhas 33, que se encontra no Arquivo Municipal de Guimarães.

mente anunciado, o novo candidato, a mais um cavaleiro da mesma Ordem de Cristo, escolhido por aquele, que o armava, lançando-lhe o hábito depois da leitura do Alvará de nomeação, e dois outros cavaleiros Professos, que serviam de padrinhos. O Freire que lhe lançava o hábito, passava depois nas costas do Alvará a certidão do acto (!).

A parada devia ser concorrida; quando menos ali estariam as representativas contumélias dos seus colegas da Ordem, a família do novo cavaleiro, os seus admiradores, parentes, amigos e os... futuros e ambiciosos aspirantes ao guindarete daquela posição fidalga, sopeteando em sêco as doçuras da incensada polpa e desejosos de assim aguentarem com lindeza igual.

E a leitura iniciava-se, como em audiência da cúria romana:

Eu o Príncipe Regente dos Reinos de Portugal e dos Algarves, e do Mestrado, Cavalaria e Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo. Mando a qualquer cavalleiro Proffesso da mesma Ordem, morador na villa de Guimaraens, a que este Alvara for apresentado, que na Insigne Collegiada de Nossa Senhora da mesma villa, arme Cavaleiro a Domingos José de Macedo a quem mando Lançar o Habito da dita Ordem.

---

(!) Só os nobres e os fidalgos podiam ingressar nesta Ordem. Os hábitos eram brancos, e com êles eram obrigados os cavaleiros a apresentar-se nos actos religiosos, comungar e serem enterrados.

— Nos princípios do século XIX, todos os Cavaleiros das Ordens Militares eram obrigados a incorporar-se na procissão do Corpo de Deus.

— Nicolau da Costa Guimarães, falecido no Rio de Janeiro, legou à imagem de Santo António: «Declaro que o meu testamenteiro remeterá um hábito de Cristo grande, do pescoço, todo craveado de diamantes e brilhantes, que possuo de meu uso, para a Vila de Guimarães, para o Glorioso Santo António que se acha no convento dos Religiosos de S. Francisco, com sua fita correspondente, a mesma cruz, para se pôr no pescoço do mesmo Santo António e na mesma imagem ser conservado».

Esta valiosa insignia foi vendida pela Irmandade, antes da última guerra, por 21.500\$00, ao pêso de tôdas as formalidades legais e à salvaguarda das indispensáveis e solicitadas licenças...

E para seus Padrinhos no dito acto o ajudarem mandará requerer a dous Cavaleiros mais da mesma Ordem, o que fará segundo forma de Suas Deffiniçoens, e de como assim o armar Cavaleiro lhe passará Certidão nas costas deste Alvará, que se cumprirá sendo passado pela chancelaria da Ordem. Lisboa aos dez de Junho de mil oito centos e sette. — Príncipe. *(Alvará para qualquer Cavaleiro professo da Ordem de Christo morador na villa de Guimaraens, armar cavaleiro na Insigne Collegiada de Nossa Senhora da mesma villa a Domingos José de Macedo, como assim se declara. Para Vossa Alteza Real ver — Por Decreto de vinte e sette de Abril de mil oito centos e sette, e Portaria do Menistro e Secretario de Estado Antonio de Araujo e Azevedo de nove de Março do mesmo anno — Registado a folhas cento trinta e oito do Livro doze. — Pagou de Registo trezentos reis — José Cardozo Ferreira Castelo, Manoel Velho da Costa, José Joaquim Oldemberg o fez escrever — Francisco Feliciano Velho da Costa Mesquita Castelo Branco — Pagou sincoenta reis, e aos officiais nove centos e sessenta reis — Lisboa nove de Julho de mil oito centos e sette — António do Canto Quevedo Castro Mascarenhas, Jozé do Nascimento Pereira da Silva o fez — Pagou quatro mil reis de sello. Pagou ao Escrivão da Real Camara oito centos reis, e aos officiais da Secretaria seis centos reis — Fica registado este Alvará no Livro do Registo de Semelhantes a folhas cento e vinte e seis. Lisboa doze de Julho de mil oito centos e sette.)*

Depois era inscrito o cavaleiro no livro de registos da Ordem, e passada a respectiva CERTIDÃO pelo seu Maioral.

Assim :

Frey Dom Joaquim de Aguilár e Menezes, Fidalgo da Caza Real, Freire Conventual da Ordem Militar de Nosso Senhor Jezus Christo, e Superior neste Real Convento de Thomar

Cabeça e Balia da dita Ordem <sup>(1)</sup>, que em auzenza do Excelentissimo Dom Prior Mor faço as suas vezes, e tendo os seus poderes, etc.

Fazemos saber que por parte do Cavaleiro Frei Domingos Jozé de Macedo Nos forão remetidas hua Carta e hum Alvará de Sua Alteza Real como Governador, e Perpetuo Administrador que he desta Ordem, e Cavalaria Militar de Nosso Senhor Jezus Christo, foi servido mandar a qualquer pessoa Constituida em Dignidade Eccleziastica moradora na villa de Guimaraens Lançasse o Habito desta Ordem, e admitisse á Proffição na mesma ao dito Frei Domingos Joze de Macedo, o que tudo cumpro, como consta das Certidoens passadas nas costas da dita Carta e Alvará em o dia seis do mes de Dezembro e anno de mil oito centos e sette na Igreja Collegiada da dita villa, a qual Carta e Alvará ficão em o Archivo deste Convento, e o Suplicante matriculado no Livro dos Cavalleiros a folhas oitenta e huma. E para seu titulo e guarda lhe mandamos passar a prezente — Dada em o Real Convento de Thomar debaixo do Nosso Signal e Sello da Ordem aos tres do mes de Março e anno de mil oito centos e oito — E eu Frei Bento Luis Botelho Secretario do Convento, Escrivão da Matricula a sobscrevi = Frei Dom Joaquim de Aguilar e Menezes.

E desta maneira se armava, se registava, formava e surgia, um Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Outros eram nomeados por Portaria, alguns dos quais as mandavam registrar nos livros da Câmara, para conhecimento público :

«Ministério do Reino — Segunda Repartição = Por Decreto de Sua Magestade, de vinte e tres de Outubro de mil oitocentos e vinte e

---

(1) O convento de Tomar foi desde D. Henrique, considerado a casa capitular e o glorioso quartel da Ilustre Ordem de Cristo.

dous, El-Rei, atendendo ao que lhe representou Francisco José Gonçalves de Oliveira, ha por bem e por Graça fazer-lhe a Merce de o Nomear Cavaleiro da Ordem de Cristo, e manda lançar-lhe o Habito, e que para o receber e professar se lhe façam as provanças e habilitações de sua pessoa na forma dos estatutos e disposições da mesma Ordem" (1).

Se nem todos os cavaleiros mataram marranos e pretos, castelhanos e franciús, nem meteram a sua lança em Africa ou na Mourama, alguns se distinguiram nas mostras que deram, nos feitos que alcançaram e todos no zêlo de uma soberana obediência aos seus princípios de cavalheirismo, de puro sangue, serviços contudo, destemidos, aprumados e lestos, nas lutas, nas paradas e nos torneios.

Chegaram a ser uma das principais células do organismo guerreiro, a guarda de confiança do poderio real, a hoste de primazia que arrancava e avançava em pé de marcha onde quer que estivesse em risco o balsão do Templo ou da Pátria e sempre pelo bem e segurança do seu Amo e Senhor.

Podiam rebolear os pedregulhos dos caminhos, esboroar as terras na aluvião das escaramuças, gretar em sangue as feridas ou as chagas, que nem por isso a caminhada deixava encarquilhas de fuga, e iria sempre além, conforme o exigisse o dever imposto ou a ordem transmitida.

O respeito, o pundonor estavam não só própria-mente no homem de casta e de classe que lutava, como também na distinção do seu pôsto, obtido pelo obséquo e preceito fiel duma herança afortunada de nascimento.

De aí a duplicidade da bravura, do varonil porte, não contando os rasgões de muitos fundilhos mal alinhavados, quando por vêzes havia a necessidade estratégica de dar terra para feijões.

Faziam figura, e bastos deram o corpo ao mani-

---

(1) *Livro dos Registos da Camara*, n.º 1601, a fôlhas 167 v. — Arquivo Municipal de Guimarães.

festos; de alguns fala a história, e defendendo o que era mais seu, quási absolutamente seu, do que dos outros, dos pobres, que não tinham nada, todos concorreram em grosso a pagar ao Rei e ao Estado aquelas propinas e mercês de cavaleiro, que só vinham desde que se alimentassem os cofres públicos, não muito abundantes de fartura, pela razão do maior Senhorio ser a senhora Coroa, que a meias ou no todo, mal coadas as contas, limpava as rendas de meio mundo de larguezas reguengueiras.

Mas depois, nas témporas moderadoras, a feira dêstes cavalheiros tornou-se mais barata, pelo abastardamento das classes e dos ricos-homens, e os mestiços logo verteram o lema da causa para galardão pessoal, e surgiu uma burguesia estratificada de cavaleiros que poderemos considerar da estiagem, pela secura dos seus frutos e sem derrames de bravuras ou bravatas de eloquência, tendo ao menos, pelos dinheiros que codicilavam a favor dos necessitados, alimentado as galerias dos afogados (como diria Raúl Brandão) das Veneráveis Ordens Terceiras e Misericórdias, onde aparecem com referências etiquetadas e unciais de Beneméritos, Honorários ou Benfeitores.

E muitos dêstes últimos, quando vinham, surgiam e se empoleiravam, ficavam amesendados à banca orçamental do Estado, com tenças efectivas, por dá cá aquela palha de feitos que ninguém viu, ou por afeições mais achegadas aos partidarismos vigentes. E lá porque uns tantos e quejandos endireitavam dêste jeito as atrapalhadas vidas ou os rumos solares duma fidalguia insolvente, à sombra dos briosos timbres das altas Dignidades templárias se principiou a abusar, deturpando-lhes os fins, as outorgas, as disposições, os estatutos e o curso fundamental da sua existência.

A conezia, prebendada ou não prebendada, na generalidade, espalhada pelas tocas dos seus Colégios, Curarias, Sés e Colegiadas, foi quem levou as lampas e melhor partido tirou, mais tarde, na obtenção dos hábitos de tôdas as Ordens que predominavam, sendo os amealhos do greirinho a greirinho a moela granjeira dos votos solicitados, além de se pelar que farte por estas coisas de espavento e de lustrosa figuração, a mais pelo uso e vício das espadas, das cabeleiras

polvilhadas, dos gibões com abotoaduras de metal de príncipe, dos chapéus com presilhas e plumas, palhetados de ouro, dos capotes vermelhos, etc. (1).

Foi por êste correr de princípios, de sonhos, de orgulhos, cálculos e causas, e também para os achêgos dos molestos cansaços, para a vaidade dos tempos ou ainda, com a devida cortesia, para todos aqueles que voluntariamente afoitos cumprissem os seus deveres de luta e lealdade, não vacilando ante as ameaças e os desares, defendendo com unhas e dentes o Trono e a Pátria, que mais tarde ou mais cedo cairam, de enxurrada, os ditos diplomas de honraria, alegremente levedados e temperados com o calorzinho das tenças efectivas.

E por que a *Quando da Insurreição Nacional contra os franceses*, os «Privilegiados das Taboas Vermelhas se votaram valorosa e rapidamente a formar um Batalhão, como praticavam os seus Maiores em semelhantes ocasiões, e não se pouparam a trabalhos, despesas e exercícios militares para se habilitarem e instruírem na arte da guerra com tanta animosidade e valor, tendo o Cabido supplicado à Regência do Pôrto os incorporassem com o exército combatente, aparecendo assim em armas um Batalhão dos Soldados Privilegiados de Nossa Senhora da Oliveira, luzidamente fardados com seus uniformes», e por que dêste modo se tornaram dignos do seu valor, é que foi mais tarde posto a correr êste acreditado

#### DECRETO

Tendo pela Minha Real Resolução de vinte e hum de Outubro do presente anno, tomada em Consulta a Meza do Desembargo do Paço, Feito Mercê do Habito da Ordem de Christo ás Dignidades, e Conegos actuaes da Insigne e Real Collegiada de Santa Maria da Oliveira da Villa de Guimarães, em remuneração dos relevantes Serviços feitos na Restauração, e Defeza do Reino, no que se houverão com a mesma lealdade,

---

(1) Ver *Curiosidades de Guimarães* — I, por Alberto Vieira Braga, capítulo referente ao luxo, pág. 61 e seguintes.

honra, e patriotismo que sempre praticarão seus Predecessores, pelo que merecêrão ser honrados, e recompensados pelos Senhores Reis desta Monarquia: Hei por bem, em verificação da sobredita Graça, Fazer Mercê do Habito da Ordem de Christo com doze mil réis de Tença effectiva ás Dignidades e Conegos da mesma Insigne e Real Collegiada, declarados na Relação que será com este assignada pelo Conde de Aguiar do Conselho de Estado, e Ministro Assistente ao Despacho. Palacio do Rio de Janeiro em treze de Novembro de mil oitocentos e treze.

Principe.

A 20 de Março de 1815 o Cabido passou certidão, que diz:

*Professos :*

O R.<sup>do</sup> Arcediago Lourenço A. da Silva. O R.<sup>do</sup> Conego Paulo de Mello Pereira Sampaio. O R.<sup>do</sup> Conego Joaquim Cardozo da Silva. O R.<sup>do</sup> Conego Fortunato Cardozo de Menezes.

*Com portarias para professarem :*

O R.<sup>do</sup> Chantre Jose de Sa Sotto M.<sup>or</sup> Ayalla. O R.<sup>do</sup> Thezoureiro Mor Thome Luiz Felgueiras. O R.<sup>do</sup> Mestre Escolla João Manuel da Guerra. O R.<sup>do</sup> Arcipreste Pedro Amorosa. O R.<sup>do</sup> Conego Paulo de Mello Machado de Carvalho. O R.<sup>do</sup> Conego seu coadjutor Bento José Pinto de Miranda. O R.<sup>do</sup> Conego Pedro de Moraes Corrêa e Castro. O R.<sup>do</sup> Conego José Ant.<sup>o</sup> Vaz Vieira de Mello e Alvim. O R.<sup>do</sup> Conego Placido Antonio Coelho de Vasconc.<sup>os</sup> Maia. O R.<sup>do</sup> Conego Joaquim da M.<sup>e</sup> de Deus Cardozo. O R.<sup>do</sup> Conego seu coadjutor Antonio Cardozo de Menezes. O R.<sup>do</sup> Conego João de Barros de Leiva. O R.<sup>do</sup> Conego Manuel José Vaz Vieira. O R.<sup>do</sup> Conego Pedro de Freitas Costa. O R.<sup>do</sup> Conego Manuel José da Silva. O R.<sup>do</sup> Conego José Maria Lopes da Maia e Luiz Pedro Felgueiras.

*Os que se seguem ja anteriormente tinham  
Habitos por merces particulares :*

Os R.<sup>dos</sup> Conegos: José Ant.<sup>o</sup> Pereira Coelho (Mestre Escola coadjuvado); João de Vasconcellos Ataíde Souza Menezes; Manuel de Gusmão Carmona Azevedo (Conego Magistral e Comendador); João de Mello Pereira Sampaio; Jeronimo do Couto Ribeiro (Freire de Aviz, e deseja que S. A. R. lhe transfira para seu coadjutor João do Couto Ribeiro) Joaquim Contreiras da Silva.

*Os que seguem ainda não têm portarias :*

Os R.<sup>dos</sup> Conegos: Francisco Abreu Bacelar Coelho da Silva; João Pereira Leite de Barros; Antonio Jose Dias Pinheiro; Antonio Jose d'Abreu Rocha; Vicente Ferreira; João Jose Ribeiro Ferreira; Jose d'Abreu Cardozo Teixeira (coadjutor); João Baptista Glz. Sampaio (coadjutor); Antonio Ricardo da Maia (coadjutor); Jose Martins Gonçalves (coadjutor).

O Prebendeiro Antonio Ribeiro da S.<sup>a</sup> Guimarães que tem as mesmas obrigações reaes de Conego e dis-fructa uma prebenda inteira é professo na ordem de S. Thiago, e deseja transitar para esta de Christo.

(Seguem as signaturas do Cabido e o reconhecimento).

Há muito que o cosmorama mudou, e agora, a respeito, é o que se sabe e o que se vê.

ALBERTO VIEIRA BRAGA.